



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 24/02/2017

BRASIL.....	2
Pocas operaciones en el mercado de hacienda.....	2
Cepea: Ajuste de oferta contrarrestó mayor caída de precios	2
Precios mayoristas de la carne bovina en baja desde hace dos meses.....	2
Buenas perspectivas para establecer acuerdos comerciales con MEXICO	2
Brasileños cerraron negocios por US\$ 13 millones en Prodexpo Moscú	3
Consumo de carne bovina se redujo nuevamente en 2016.....	3
URUGUAY.....	3
Agilidad y firmeza con valor que supera al de hace un año.....	3
Se puso en marcha el mercado de futuros de novillo gordo	4
Aguerre optimista con que Uruguay seguirá ingresando carne de alta calidad a Europa	5
Ferrés sobre futuro de la cuota 481: "Uruguay debe adaptarse a un nuevo escenario".....	5
Federación Rural preocupada por posible pérdida de cuota 481	5
Mercado internacional sin subas podría afectar niveles de faena	6
Mercosur redobla su apuesta en busca de TLC con Europa	6
PARAGUAY	7
Ganaderos de Canindeyú tendrán frigorífico propio invertirán US\$ 50 millones	7
Detectan casos positivos de rabia bovina en Choré	8
Buscan abrir TURQUÍA para la exportación de carne bovina.....	8
UNIÓN EUROPEA	8
Acuerdo UE – Canadá – Cuestiones técnicas podrían demorar el acceso de carnes canadienses	8
Resquemor en el gabinete de A.Merkel por decisión de suprimir carne en comidas oficiales	9
Brexit – expertos se refirieron a sus implicancias	9
OMC confirmó que la barrera aplicada contra carnes porcinas por RUSIA no es legal	10
ESTADOS UNIDOS	10
Proyectan que un escaso número de hacienda se importará desde CANADA en 2017	10
Compañía en COREA DEL SUR cambia provisión de Australia por EE.UU.	11
Científicos hablan sobre una nueva frontera en el estudio de la calidad de las carnes bovinas.....	12
AUSTRALIA	13
CHINA arribó el primer cargamento de Ganado en pie	13
INDONESIA - exige un mayor peso en los bovinos a importar desde Australia.....	13
VARIOS	13
Grupo chino inicia compra de carne en la Argentina	13
MÉXICO estima que podría llegar a exportar hacia RUSIA entre 200 y 400 mil toneladas de carnes	14
NUEVA ZELANDIAFaena retrocedió en el último trimestre de 2016.....	14
INDONESIA apeló resolución de la OMC a favor de NUEVA ZELANDIA y EE.UU.	14
EMPRESARIAS	15
Maple Leaf Foods invirtió en proteínas vegetales	15
Minerva vio afectada su rentabilidad por la apreciación del Real	15
Minerva atenta ante una posible expansión Están mirando a Sudamérica.	16
Frigol participa de la feria Gulfood.....	16



BRASIL

Pocas operaciones en el mercado de hacienda

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 2017 - A pressão de baixa observada nas últimas semanas perdeu força. De maneira geral os negócios acontecem de forma lenta.

Das trinta e duas praças pesquisadas pela Scot Consultoria para o boi gordo, ocorreram quedas em três e altas em duas na última quinta-feira (23/2).

O lento escoamento da carne bovina não gera interesse das indústrias em alongar as escalas.

Em São Paulo, as programações de abate atendem em torno de quatro dias. Existem tentativas de compra tanto abaixo como acima da referência. Este último caso é comum para as indústrias com maiores dificuldades em fazer escala.

Em Paragominas-PA, a forte chuva vem atrapalhando os embarques nos últimos dias.

Cepea: Ajuste de oferta contrarrestó mayor caída de precios

Fonte: Cepea, adaptada pela Equipe BeefPoint. 23/02/17 Os preços da arroba e da carne bovina vêm caindo no mercado doméstico, refletindo a demanda enfraquecida. Por outro lado, conforme colaboradores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), a redução da capacidade de abate dos frigoríficos, que buscam equilibrar oferta e demanda, limita as desvalorizações. Entre 15 e 22 de fevereiro, o preço da carcaça casada bovina caiu 0,6%, com média de R\$ 9,88/kg nessa quarta-feira, 22, no atacado da Grande São Paulo.

O Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo (estado de São Paulo, à vista) fechou a R\$ 144,56 nessa quarta, queda de 0,84% no mesmo período. Nesse cenário, pecuaristas seguem apreensivos, uma vez que o consumidor não tem sinalizado que vai absorver o volume de carne – em média, 80% da proteína brasileira é destinada ao mercado interno.

Precios mayoristas de la carne bovina en baja desde hace dos meses

Sexta-feira, 24 de fevereiro de 2017 - O mercado de carne bovina segue sua trajetória de baixa no atacado. Nada de alta de preços ou de, pelo menos, estabilidade semanal no mercado de carne bovina sem osso em 2017. Desde o começo de janeiro os cortes ficaram 8,0% mais baratos, em média.

Embora a queda mais forte no período, de 9,0%, seja do traseiro, produtos que normalmente são “mais caros” e, portanto, menos procurados quando a situação de renda se complica, o comportamento de preços do dianteiro, com queda de 4,0%, indica que nada tem sido fácil de vender. Nem mesmo frango, cuja carne vendida nos frigoríficos caiu 12,0% este ano.

As indústrias, porém, em termos de margem de comercialização, têm passado por este período sem grandes problemas.

Entre o que se paga pelo boi e o que se recebe na indústria sobra pouco mais de 22,0%. Isso é maior que a média histórica. A arroba, também em queda, auxilia este indicador, desalinhado com a situação de consumo.

A demanda externa também não tem ajudado. O resultado parcial do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços apresentou recuo de quase 20,0% no embarque diário de carne in natura até a terceira semana de fevereiro.

Aos produtores, atenção a estes números, a este cenário de vendas. Isso ditará os rumos do mercado este ano.

Buenas perspectivas para establecer acuerdos comerciales con MEXICO

Fonte: ESTADÃO CONTEÚDO 20 de fevereiro de 2017 - O adiamento não compromete planos de estabelecer acordos comerciais com o país

O adiamento da visita da comitiva mexicana que viria ao Brasil no início desta semana - mas foi alterada para segunda quinzena de março - não compromete os planos do Brasil de expandir o comércio agropecuário com o país, afirmou o presidente-executivo da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Francisco Turra. Ele não soube explicar o motivo do adiamento, mas afirmou que isto dará tempo para a conclusão das recentes inspeções veterinárias feitas pelos mexicanos em frigoríficos brasileiros.

Turra participa na manhã desta segunda-feira, 20, em São Paulo do lançamento do programa Agro+, com a presença o presidente Michel Temer.

Recentemente, uma missão de veterinários mexicanos esteve no Brasil inspecionando fábricas para que o país possa comprar cortes processados bovinos. A visita foi realizada entre os dias 30 de janeiro e 8 de fevereiro. O resultado ainda não foi divulgado.



A visita dos mexicanos foi anunciada pelo ministro da Agricultura, Blairo Maggi, que afirmou que a intenção era a compra de produtos brasileiros como soja, arroz e carnes. O próprio ministro informou sobre o adiamento em coletiva realizada na semana passada em Brasília.

Brasileños cerraron negocios por US\$ 13 millones en Prodexpo Moscú

22/02/2017 - Esperan que durante el año los negocios superen los US\$ 340 millones.

Los exportadores de carne vacuna de Abiec estuvieron presentes en la pasada edición de Prodexpo, celebrada en Moscú (Rusia) del 6 al 10 de febrero. Las empresas presentes en esta ocasión fueron Cooperfrigu, Estrela, Frigol, Iguatemi, JBS y Mataboi.

De acuerdo con Antonio Jorge Camardelli, presidente de Abiec, durante los 5 días de la feria se han hecho negocios por un valor de 13 millones de dólares y "la expectativa es que durante los próximos 12 meses se generen hasta 340 millones de dólares, superando los resultados de la anterior edición".

Consumo de carne bovina se redujo nuevamente en 2016

Fonte: Infomoney, adaptada pela Equipe BeefPoint. 23/02/17 O consumo de carne bovina só diminui no Brasil.. Segundo dados da Scot Consultoria, em 2016 a queda foi de 3,5%, somando 36,12 quilos por habitante. Apesar da redução e da crise econômica que diminuiu o poder de compra do brasileiro no ano passado, essa foi a menor queda dos últimos três anos.

Em 2014, o consumo ficou em 42 kg per capita, queda de quase 6% se comparado ao ano de 2013. Já em 2015, a redução foi maior, cerca de 11%, com consumo próximo de 38 kg por habitante.

A média de consumo do brasileiro é uma das mais baixas da América Latina. No Uruguai, por exemplo, o consumo de carne bovina chega a 80 quilos por habitante. Na Argentina, uma redução também foi registrada no ano passado, mas ainda supera a média brasileira, com consumo de quase 55 quilos por ano.

A queda no poder aquisitivo do brasileiro é o fator que mais interferiu para essa movimentação no mercado, elevando o consumo de outras proteínas mais baratas, como a carne de frango e a de suíno.

URUGUAY

Agilidad y firmeza con valor que supera al de hace un año

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Febrero 24, 2017 Los precios del novillo se mueven en el eje de US\$ 2,90 a US\$ 2,95 por kilo de carcasa

Hay un mercado firme, dinámico y con cargas rápidas, de una semana. Todo lo ofertado es absorbido por la industria, con una faena muy alta que en las dos últimas semanas superó las 50 mil cabezas.

Los valores para el novillo se mueven en el eje de US\$ 2,90 a US\$ 2,95 por kilo carcasa. La condición forrajera favorece al productor que no convalea valores menores a este rango que algunas industrias ofrecieron esta semana.

En las vacas, la escalera de precios se ubica entre US\$ 2,65 por kilo, hasta US\$ 2,70; vacas con carcassas pesadas y buen rendimiento han logrado superar este valor.

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) subió el precio de los novillos por tercera semana consecutiva y consideró que hay "mayor demanda por novillos pesados, el mercado está estable y con entradas cortas". Los novillos subieron de US\$ 2,95 a US\$ 2,96, la vaca especial se mantuvo sin cambios en US\$ 2,69 y subió la vaca gorda dos centavos, a US\$ 2,65.

Un cambio relevante

Por primera vez en el año, tanto en novillos como en vacas el precio supera el valor de un año atrás.

La faena de vacunos de la semana pasada llegó a 50.573 animales, un 0,2% más en la semana y 11% más en la comparación interanual. Puede ser uno de los febreros de mayor faena desde el año 2013; si se mantiene la tendencia rondaría las 190 mil cabezas.

La faena de vacas alcanzó a 26.623 cabezas, un 2% menos que la semana anterior, pero fue 12% mayor comparado a un año atrás. Alcanzaron a representar el 52,6% de la faena semanal; solo en una de las siete semanas que van del año, las vacas estuvieron por debajo del 50%.

La reposición en las categorías de invernada se mantiene firme con más demanda que oferta. La presión de la reposición ha caído sobre categorías de cría, como las vaquillonas de 1 a 2 años y las piezas de cría.

En el remate de Pantalla Uruguay, con precios al contado, los terneros promediaron US\$ 2,11, un 0,5% más que en el remate anterior, las terneras US\$ 1,59 un 6% más, los novillos 1 a 2 años subieron 3% a US\$ 1,79, los novillos 2 a 3 años una aumento de 2,4% a US\$ 1,69 y las vacas de invernada cotizaron a US\$ 1,21 una caída de 2,4% del remate anterior.

El precio promedio de exportación de carne bovina en la semana hasta el 18 de febrero se ubicó en US\$ 3.272 la tonelada, una caída de 1,2% en la semana y de 4% en la comparación interanual.



El valor acumulado del año, se informó, alcanzó a US\$ 3.390 por la tonelada, un 4,4% menor al mismo período del año anterior, que llegaba a US\$ 3.547 la tonelada.

Se puso en marcha el mercado de futuros de novillo gordo

Febrero 22, 2017 Durante el primer día se cerraron tres contratos a US\$ 2,96 por kilo

Se concretó con éxito la primera rueda de negocios del mercado de futuros de novillo gordo en Uruguay. La propuesta de la empresa Ufex –con el respaldo de la argentina Rofex– inició ayer de forma virtual, con la concreción de tres contratos de futuros en la posición mayo a US\$ 2,96 por kilo de carcasa. No se concretaron negocios para la posición de agosto.

Los precios ofertados a la compra en la posición mayo fueron US\$ 2,90 y a la venta US\$ 2,98; y para agosto a US\$ 3,09 y US\$ 3,22, respectivamente.

Aún no se habilitaron las posibilidades de contratar opciones. Las ruedas de negocios seguirán concretándose de forma diaria, entre las horas 15 y 16 de Uruguay.

Felipe Herrán, jefe de la mesa de trading de la firma Puente Corredor de Bolsa SA, una de las dos empresas que operan como intermediarias en el mercado de futuros –la otra es Gletir Agente de Bolsa–, dijo a El Observador que hubo mucha conformidad de quienes intervinieron en los negocios. "Nuestros clientes estaban muy interesados en empezar a utilizar esta plataforma y hacer estrategias a futuro. Estas primeras operaciones nos hacen prever que el mercado será bastante auspicioso", señaló.

Eran posibilidades de negocios que estaban cautivas y ahora es una herramienta más con la que cuenta un productor, así como un frigorífico o cualquier persona que quiera participar, comentó.

Herrán señaló que quienes más consultan por los futuros son productores, que tienen ganado y que quieren cubrir sus precios a través de esta actividad. "No descartamos que más adelante participen actores con un perfil más especulador, que esperan hacer algún negocio con el precio de la carne de novillo", expresó.

Así como se puede operar en el mercado de futuros por otros commodities como el oro o el petróleo, sin la necesidad de estar en el mercado de esos activos, también podrán participar quienes no tenga ganado, porque se trata de un contrato financiero.

Cada contrato de futuro consta de 2,5 toneladas de carne de novillo gordo en cuarta balanza, equivalente a unos 10 novillos gordos, y quien opere puede participar con un solo contrato o más.

En el mercado de futuros lo que hace cada participante es comprometerse a vender o comprar a ese precio en la fecha señalada, las dos posibilidades en este caso son mayo y agosto. Lo único que el mercado exige a cada cliente es que deposite una garantía equivalente al 10% del precio del contrato, para cubrir las diferencias diarias de precios. Ese monto podrá depositarse en efectivo o eventualmente en activos líquidos como títulos públicos, bonos uruguayos o letras.

El ajuste final de cada contrato se hará en base a la referencia que publica el Instituto Nacional de Carnes (INAC) todas las semanas. Se tomará como referencia el precio del novillo gordo en cuarta balanza correspondiente al último miércoles del mes del contrato (mayo o agosto).

"Si un productor quiere vender cinco contratos a agosto, llama a su corredor y se lo plantea. Eso no tiene ningún costo. Si no hay una contraparte que compre y cierre esa posición esa orden estará en el mercado durante un tiempo y después caerá. Si aparece alguien que la compre y cierra esa posición, ahí sí se genera un contrato a futuro y hay un tema de márgenes y costos", explicó a El Observador el gerente de Ufex, Guzmán Larrimbe en setiembre pasado.

Cierran tres contratos en mercado de novillos a futuro

23/02/2017 - Tres contratos se negociaron ayer en el primer día de funcionamiento del Mercado de Novillos a Futuro de UFEX.

Los tres contratos manejaron un volumen de 7.500 kilos de novillo y el precio para la posición mayor de 2017 cerró a US\$ 2,96 por kilo de novillo.

También se manejó otra ronda de negociación con cierre en agosto del presente año, con una punta vendedora de US\$ 3,221 por kilo y una punta compradora posicionada en US\$ 3,091 por kilo, pero no se cerraron contratos.

El activo de los contratos son 2.500 kilos de canal de novillo, en cuarta balanza, partiendo de un novillo gordo de más de 380 kilos de razas carníceras y sus cruzas. La fecha de vencimiento y último día de negociación es el último miércoles del mes del contrato y se liquidan las diferencias en efectivo contra el precio de referencia informado por el Instituto Nacional de Carnes (INAC) para la semana de vencimiento del contrato.

La herramienta de mercado a futuro está mucho más arraigada en los granos, donde los negocios a futuro son mucho más corrientes que en la ganadería, aunque en las bolsas del mundo también hay opciones para carne y otros rubros. En Uruguay es una herramienta muy nueva y aún desconocida para cierto segmento de productores.



Desde la óptica del consignatario de ganados, Alejandro Zambrano -la empresa tiene una cuenta abierta para operar con sus clientes- “el mercado a futuro de novillos es una herramienta que le aporta certeza a la producción de carne a pasto”, pero habrá que ver cómo el mercado interpreta el desfasaje que existe hoy entre el indicador del novillo INAC, que también incluye los novillos terminados a granos para la cuota 481 y el valor de mercado con que se liquida el ganado a pasto.

Si bien en su primer día de funcionamiento fue una operación pequeña, el sector ganadero la estaba pidiendo y precisa tiempo para que se vaya afianzando entre los productores ganaderos uruguayos.

Aguerre optimista con que Uruguay seguirá ingresando carne de alta calidad a Europa

20 de febrero de 2017 El ministro de Ganadería, Tabaré Aguerre, dijo que es “altamente probable” que Uruguay no tenga sobresaltos con el ingreso de carne de alta calidad a Europa.

En declaraciones a Agronegocios Sarandí el funcionario dijo que Europa no tiene solamente que ver cómo compensa a Estados Unidos. Debe atender también a sus consumidores porque los envíos de Australia, Uruguay Argentina dentro de la cuota 481 se pagan sustancialmente menos que si se comprara en Estados Unidos. Aguerre manejó una diferencia de alrededor de US\$ 4.000 por tonelada entre los precios actuales dentro de la cuota y los que se debería pagar por cortes similares de Estados Unidos por carne sin hormonas.

El titular de Ganadería reiteró que hasta setiembre-noviembre no deben esperarse cambios en el funcionamiento del cupo.

Ferrés sobre futuro de la cuota 481: “Uruguay debe adaptarse a un nuevo escenario”

22/02/2017 - Hay que buscar nuevas alternativas porque el cambio es parte de la evolución, dijo el director de la Aupcin.

Frente a la incertidumbre que genera el futuro de la cuota 481, Álvaro Ferrés, director de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (Aupcin), dijo que “tenemos que pensar que el Uruguay tiene un nuevo escenario al que debemos adaptarnos y buscar nuevas alternativas; el cambio es parte de la evolución”.

En Valor Agregado en Carve, comentó que esto es un “barajar y dar de vuelta”. Además expresó que en la historias de los corrales de engorde no es la primera vez que se vive una situación similar, por lo que “no es el fin del mundo”. Insistió en la búsqueda de nuevas alternativas y aseguró que ya se está trabajando en eso.

El principal de Aupcin señaló que hoy en día el negocio de la cuota 481 “no es el que más está sirviendo”. En este sentido, afirmó que se están haciendo negocios alternativos en conjunto con empresas exportadoras, por ejemplo, empezando a encerrar ganados enteros para la exportación de ganado en pie y “estamos viendo si encontramos otra alternativa de ganado que permita valorizarlo como el de la cuota”. Comentó que un problema de esto, es que los corrales de engorde que están habilitados para la cuota no pueden servir como cuarentenarios para la exportación de ganado en pie por normativas que existen hoy a nivel del Ministerio; “estamos quedando rehenes por solo aceptar corrales para la cuota 481”, dijo Ferrés.

En opinión de Álvaro Ferrés, actualmente el negocio del cupo cambió, “ya que ha perdido dos factores no menores: la previsibilidad y el precio”. Aseguró que hoy en día se están pasando precios bastante inferiores a los de antes. A su vez, según Ferrés, no se está dando la previsibilidad de carga como se tenía antes. En este sentido, comentó que “nunca encerraría un ganado si no lo tengo vendido”.

A partir de la noticia de que un importante grupo chino hizo su primera compra de carne (3,2 toneladas) en Argentina, el presidente de Aupcin expresó que “hay una oportunidad en China y eventualmente en Japón”. Además, el hecho que Australia tenga el ganado tan caro “abre una posibilidad”.

Según Ferrés, la cuota tenía una ventaja que era la previsibilidad con los mismos exportadores, “nos manifiestan que con China eso no es tan sencillo”. Finalmente expresó que son todos desafíos futuros que abren posibilidades que Uruguay tiene que desarrollar.

Federación Rural preocupada por posible pérdida de cuota 481

23/02/2017 También esperan que se destrabe la exportación de ganado en pie.

El presidente de la Federación Rural, Jorge Riani, aseguró a El País estar “muy preocupado” por la posible pérdida de la cuota 481, el cupo cárnico de alta calidad que la Unión Europea le otorgó a Estados Unidos en el marco del litigio de la carne con hormonas, al que Uruguay accede como tercer abastecedor. Australia y Uruguay están utilizando actualmente alrededor del 30% de un cupo que supera las 40.000 toneladas para todos los abastecedores y Estados Unidos se queja ante la Unión Europea, generando incertidumbre.



En estos días, el ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca, Tabaré Aguerre, intentó tranquilizar a productores e industriales argumentando que Uruguay podría usar la cuota por 7 o 9 meses más, pero no se sabe qué pasará para adelante.

Hoy es el único cupo cárnico que no paga arancel en la Unión Europea y el que movió fuerte a la cadena cárnica, porque obligó a producir una reposición de mayor calidad, cuyo mayor precio repercutió en el bolsillo de los criadores, con un precio promedio por tonelada de carne exportada dentro de cuota de más de US\$ 9.000.

"Nos preocupa mucho la pérdida, porque la cuota 481 no influye solo sobre los corrales, influye sobre los criadores, porque venden la reposición a los feedloteros. Si se pierde esa cuota bajará el precio y los ingresos del sector", afirmó Riani. "Estamos muy preocupados por la incertidumbre que se ha generado", agregó.

Por otro lado, el presidente de la Federación Rural consideró que "está bajando mucho el nivel de exportación de ganado en pie" y consideró que China "puede ser un mercado importante para el ganado bovino". Por eso, la Federación Rural gestionará una reunión con el Canciller Rodolfo Nin Novoa para plantearle el peso que tiene ese mercado y las oportunidades que se presentan para Uruguay.

Según Riani, "parece ser que los números para exportar ganado de carne a China hoy cierran mejor y se precisa agilizar los trámites. Podría convertirse en una alternativa importante frente a Turquía que está intentando tirar abajo los precios de los terneros".

Riani recordó que es muy importante para los productores "mantener abierta y bien aceitada la exportación de ganados en pie, porque es el único fusible que tenemos frente a la industria".

Mercado internacional sin subas podría afectar niveles de faena

21/02/2017 - Actuales niveles de faena se explica por buenas condiciones climáticas que favorece a los campos, destacó el director de frigorífico Pando.

El mercado de haciendas gordas está transitando un momento positivo para los productores con buenos niveles de faena, precios que se estabilizan a pocos centavos de los US\$ 3 en segunda balanza y el clima que ofrece excelentes condiciones en los campos.

En la última semana la faena de vacunos acumuló 50.573 animales y se compuso de 23.110 novillos y 26.623 vacas. Mientras que los precios, según lo publicado por la Asociación de Consignatarios de Ganado, se ubican en US\$ 2,96 para el novillo, US\$ 2,69 para la vaca y US\$ 2,79 para la vaquillona.

El director de frigorífico Pando, Eduardo Urgal, comentó en Valor Agregado en Carve que el nivel de actividad es importante y se ha venido manteniendo en los últimos tres meses en esos números porque el clima ofrece muy buenas condiciones en los campos y pasturas, en consecuencia los ganados que están saliendo dinamizan la actividad.

Aseguró que los altos guarismos de faena "no tienen que ver con un reflejo positivo del mercado internacional, sino con el clima favorable". De acuerdo a los datos del Instituto Nacional de Carnes, el ingreso promedio acumulado hasta el 11 de febrero por exportaciones de carne vacuna cayó 4,9% (US\$ 3.401 por tonelada) en comparación al mismo periodo del año pasado, mientras que en volumen aumentó 10,2% (45.714 toneladas).

Urgal explicó que "si a corto plazo no se observa una suba en el mercado internacional de la carne el nivel de faena va a tender a bajar". Más allá de que algunas industrias manejan otros negocios, "si en general las empresas utilizan la misma lógica que la nuestra la faena debería bajar", sumó.

En cuanto a los mercados, contó que ya se está en juego la pascua europea, que tiene un significado de buena demanda y precios, y "no vemos repuntes en el resto de los destinos, salvo Estados Unidos y China". Por tanto, "si no se da esa recuperación se va a resentir el nivel de faena independientemente del nivel de oferta", destacó.

El director de frigorífico Pando aseguró que el país cuenta con grandes debilidades, entre ellas, lo caro que está para producir y vivir en Uruguay. Señaló que cada vez "se necesita una mayor diferencia entre lo que se compra y se vende para enfrentar costos", además dijo que "el volumen de exportación ayuda pero tenemos deberes internos dado el negocio está siendo más competitivo y se refleja en la caída de valores".

Mercosur redobla su apuesta en busca de TLC con Europa

Fuente: AFP Febrero 20, 2017 El bloque regional tendrá su primera negociación con el EFTA en junio. Europa interesa doblemente al Mercosur, que acaba de acordar con los países europeos de la EFTA iniciar formalmente sus negociaciones comerciales en junio en Argentina, al tiempo que avanzan sus conversaciones sobre un tratado de libre comercio (TLC) con la Unión Europea (UE).

"Buenos Aires acogerá la primera ronda (de las negociaciones) en junio" próximo, indicó a la AFP un portavoz de la Asociación Europea de Libre Comercio, bloque conocido también como EFTA y que agrupa a Islandia, Liechtenstein, Noruega y Suiza.



Este anuncio se produce después que Argentina, Brasil, Paraguay y Uruguay ultimaran en Bruselas con representantes del ejecutivo comunitario los preparativos para la próxima ronda de negociaciones sobre al acuerdo con la UE, que tendrá lugar también en la capital argentina el mes próximo.

La negociación comercial con los países de la EFTA la "miramos con optimismo, como parte de la apertura del Mercosur", indicó una fuente del bloque sudamericano, que precisó que la primera ronda "formal" en Buenos Aires en junio se celebrará a nivel de jefes negociadores.

El encuentro en Bruselas, donde se cerró "el marco de las negociaciones", estuvo presidido por el argentino Guillermo Daniel Raimondi en nombre del Mercosur y por el noruego Sveinung Roren en representación del bloque europeo, indicó en un comunicado la EFTA. Además de fijar la segunda ronda en agosto, según esta fuente, ambos bloques se pusieron de acuerdo en "el intercambio de la información necesaria" de cara al inicio de las conversaciones formales, como "nomenclatura, estadística o legislación sobre política comercial", precisó la fuente sudamericana.

Ambos bloques habían acordado en el Foro Económico Mundial de Davos (Suiza) a mediados de enero pasado empezar a negociar un acuerdo de libre comercio, tras un período de encuentros exploratorios desde 2015. Ese mismo año, el comercio entre ambos bloques superó US\$ 8.700 millones, según datos de la EFTA.

Negociación con UE avanza

El Mercosur aprovechó sus conversaciones a nivel técnico con la UE, la pasada semana en Bruselas para preparar la ronda prevista para el mes próximo en Argentina, con los representantes de la EFTA, explicó a la AFP una fuente conocedora de las negociaciones.

Respecto al tratado de libre comercio con la UE, una fuente de la Comisión Europea explicó que "varios grupos se han reunido a nivel técnico en Bruselas para seguir avanzando en la negociación de textos", después que en octubre acordaran "intensificar el trabajo técnico".

En concreto se discutieron cuestiones sobre medidas sanitarias y fitosanitarias, así como compras públicas y servicios, explicó la fuente sudamericana, para quien "el proceso está en marcha y con buen pie".

"Existe un compromiso muy fuerte por ambas partes sobre que esta vez sí podemos cerrar el acuerdo", añadió la fuente en referencia al fracaso de 2004, que paralizó las conversaciones iniciadas en 1999 hasta su reanudación en 2010.

Para evitar el fracaso de 2004 y consolidar la reanudación de las negociaciones de este espacio de libre comercio de 760 millones de personas, ambos bloques dejaron de lado en el intercambio de ofertas de mayo pasado productos sensibles, como la carne bovina o el etanol, que tendrá lugar más adelante.

Francia, que celebra elecciones legislativas y presidenciales en el primer semestre de 2017, ya expresó sus temores por el impacto en su sector agrícola de un eventual acuerdo con el Mercosur, por lo que se decidió posponer la negociación de los productos sensibles hasta que pasen los comicios.

PARAGUAY

Ganaderos de Canindeyú tendrán frigorífico propio| invertirán US\$ 50 millones

21 de Febrero de 2017 En junio de este año se iniciará la construcción de una nueva planta frigorífica que implicará la inversión de unos US\$ 50 millones para faenar bovinos, cerdos y ovejas, en Katueté, anunciaron ayer ganaderos, en el marco del lanzamiento de la Expo Canindeyú, en el local de la Rural, en Roque Alonso.

Un grupo de empresarios vinculados a la Regional Canindeyú de la Asociación Rural del Paraguay (ARP) conformaron la empresa Incas (Industria Cárnica de Katueté SA) para montar una industria frigorífica que podrá faenar hasta 1.200 bovinos o 2.500 cerdos u ovejas, por día, según informó ayer el productor de la zona José Cobalchini, en el local de la ARP, en Roque Alonso. Fue en el marco del lanzamiento de la Expo Canindeyú, que se desarrollará del 31 de marzo próximo al 9 de abril, en La Paloma del Espíritu Santo, en dicho departamento.

Cobalchini detalló que al no encontrar inversores externos para montar un frigorífico en la zona, ellos mismos juntaron esfuerzos para acompañar el crecimiento agropecuario de esa parte del país.

La industria estará en una propiedad de 25 hectáreas, a unos tres kilómetros del casco urbano de Katueté; y actualmente el proyecto está en la etapa de compra de los equipamientos que se necesitarán para la industria.

También dijo que inicialmente el frigorífico no trabajará con todo su potencial y que su crecimiento estará proporcionado a los mercados de exportación conectados.

"Estamos trabajando con Senacsa, MIC, MAG y otros entes del Gobierno para que al habilitarse el frigorífico también se pueda iniciar inmediatamente la exportación", dijo el ganadero.

Estimó que en el departamento existen unas 900.000 cabezas de bovino, que producen unos 250.000 novillos por año, que al ser transportados a la Capital implican un 10% sobre el costo de producción. En



cuanto a la faena de cerdo dijo que se prevé montar una granja de matrices y producción de lechones, y una fábrica de balanceados.

Detectan casos positivos de rabia bovina en Choré

18 de Febrero de 2017

El Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) detectó la aparición de rabia bovina en establecimientos de Choré, y sus técnicos se encuentran en estos momentos trabajando en el bloqueo del área afectada para tratar de evitar que la enfermedad se propague a otras haciendas.

CHORÉ, Dpto. de San Pedro (Sergio Escobar Rober, corresponsal). La detección de los referidos casos ya fue comunicada también al Ministerio de Salud Pública a fin de hacer un levantamiento de datos con pobladores del lugar y otras comunidades para inmunizar a la gente que de alguna manera pudo haber tenido algún tipo de contacto con los animales enfermos, debido a que la enfermedad es sumamente peligrosa para los humanos, indicaron los entendidos en el tema.

La información fue dada oficialmente ayer en la oficina habilitada en Choré, a través del coordinador del (Senacsa) de San Pedro, Dr. Daniel Estigarribia, quien comunicó a propietarios de animales afectados el resultado laboratorial enviado desde la capital. La zona más afectada corresponde a la compañía Choremí, y los más perjudicados son ganaderos menores, aunque no se descarta que pueda aparecer en establecimientos más grandes de la zona si no se realiza un trabajo minucioso con todas las áreas involucradas en el tema, indicaron los técnicos.

El Dr. Estigarribia dijo que según los datos que manejan, hasta la fecha probablemente ya murieron unas diez o más vacunos en distintas propiedades, pero aseguró que cada día hay más denuncias de propietarios sobre animales que están muriendo con los síntomas de esta enfermedad.

Por otro lado, el profesional lamentó que la gente no informe con más antelación a las instituciones correspondientes cuando aparece este tipo de problemas en su establecimiento.

“Lamentablemente los propietarios todavía no tienen conciencia de lo que puede significar una situación de esta naturaleza, en primer lugar por la pérdida económica con la muerte de sus animales y otro más grave, que también puede ser fatal para las personas si no se hace un tratamiento adecuado. Por eso, una vez más exigimos a que cuando detectan algún síntoma extraño que acudan inmediatamente al Senacsa u otras áreas que manejan la salud de los animales”, refirió.

Hace un año ya se habían detectado casos de rabia bovina en San Pablo, ex-Cocueré, en este mismo departamento, que se pudo controlar luego de varios meses.

Buscan abrir TURQUÍA para la exportación de carne bovina

23 de Febrero de 2017 La carne paraguaya apunta al mercado de Turquía, por lo que una delegación oficial de nuestro país se reunió ayer para tratar el tema con la embajadora de dicho país en Argentina y concurrente al Paraguay, Meral Barlas, según informó desde Buenos Aires el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Dr. Hugo Idoyaga.

En comunicación telefónica, Idoyaga explicó que el encuentro con la representante diplomática de Turquía fue para entregar la solicitud oficial y la documentación técnica requerida que permitan abrir dicho mercado turco a la carne bovina de nuestro país.

“Entregamos la documentación técnica a la embajadora de Turquía concurrente a Paraguay, a fin de su remisión a las autoridades sanitarias de Turquía para la evaluación”, expresó.

Informó que la delegación estuvo integrada por el viceministro de Ganadería, Dr. Marcos Medina; el ministro de Embajada, Bruno Jaen, y por el sector privado el Dr Darío Baumgarten, en representación de la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

Destacó que las gestiones se enmarcan en la decisión del Gobierno de acceder a más mercados para la carne bovina paraguaya y en prosecución a la visita realizada recientemente por el ministro de Relaciones Exteriores de Turquía a nuestro país.

Mercado importante

Por su parte, el viceministro de Ganadería, Dr. Marcos Medina, contextualizó que Turquía es un mercado de 80 millones de personas, con un ingreso per cápita/año de US\$ 10.000.

El consumo per cápita anual de carne bovina se ha triplicado en los últimos 7 años de 4,4 kg a 13,7 kg. En el 2016 Turquía importó 40.000 toneladas de carne por un monto superior a US\$ 180 millones.

UNIÓN EUROPEA

Acuerdo UE – Canadá – Cuestiones técnicas podrían demorar el acceso de carnes canadienses

TheCattleSite News Desk20 February 2017 CANADA - The Canadian Meat Council fears unresolved technical issues could delay the movement of Canadian pork and beef into Europe under the Compensative Economic and Trade Agreement, writes Bruce Cochrane.



Last Tuesday the European Parliament approved the Compensative Economic and Trade Agreement and the bill has arrived in the Canadian Senate for approval before moving to parliament for Royal assent, at which time a time line can be established for implementation, which could happen by May.

Ron Davidson, the Director of International Trade, Government and Media Relations with Canadian Meat Council, says several technical issues still need to be resolved before Canadian beef and pork processors will be able to take full advantage of the agreement.

Ron Davidson-Canadian Meat Council

In the case of pork it would be the application of the Canadian health mark.

There have been discussions with the European Union for the better part of a year now on the application of the Canadian health mark, as that would greatly facilitate our exports to the European Union rather than having to apply a health mark in the cold storage.

When the product is in cold storage it doesn't necessarily all go to Europe.

Companies may decide to take some of that product and ship it to other markets.

Product can come out of the area that's reserved for the European Union.

Nothing goes in there and we would like to be able to use of the Canadian health mark.

Until that gets approved it would be very difficult for pork to take advantage of the agreement.

We see absolutely no reason why the issues that are affecting pork can not be resolved before that.

We need to have them set up well before that date so the commercial pipelines can begin to be set up.

Mr Davidson says, in the case of beef, the primary issue is Canada's use of antimicrobial interventions.

He says the beef and veal industry is working with the Canadian government to undertake additional research which will be used to apply to the European Food Safety Authority for approval, but that will likely take several months.

Resquemor en el gabinete de A.Merkel por decisión de suprimir carne en comidas oficiales

The Telegraph 23/02/17 Barbara Hendricks claims eating meat is damaging to the environment and has ordered only vegetarian food to be served.

A rival minister has accused her of "nanny-statism" and trying to force vegetarianism on people "by the back door".

With elections only months away and Mrs Merkel's Christian Democrats (CDU) lagging behind their junior coalition partner in the polls, it was only a matter of time before tempers started to fray.

But no one expected the first falling-out to be over vegetarian vol-au-vents.

Ms Hendricks is a member of the Social Democrats (SPD), who have surged ahead of Mrs Merkel's CDU in the polls under their new leader, Martin Schulz, the former European parliament president .

Senior figures in Mrs Merkel's party have pounced on the vegetarian catering policy as evidence the centre-left SPD will interfere in citizens' private lives on ideological grounds.

"I'm not having this Veggie Day through the back door," Christian Schmidt, the food minister, said.

"I believe in diversity and freedom of choice, not nanny-statism and ideology. Instead of paternalism and ideology. Meat and fish are also part of a balanced diet."

The ban emerged in an email to department heads from a senior civil servant in the environment ministry

The ministry has a responsibility to combat the "negative effects of meat consumption" and must "set an example", the email said.

It is claimed meat farming accounts for up to a third of greenhouse gas emissions .

But Ms Hendricks has been accused of hypocrisy after it emerged that the ban only applies to official functions, and that meat and fish are still available to ministry officials in the staff canteen.

"You have to eat what's on the table according to the will of the ministry. No meat, no fish, and the cover of 'climate protection', " Gitta Conneman, a senior MP in the CDU told Bild newspaper.

"They won't save the climate by branding people who eat meat, and they know this. The ban only applies to a handful of guests, not to 1,200 employees. This is pure ideology, a 'people's education' for the diet."

"We're not tell anyone what they should eat," the environment ministry said in a statement. "But we want to set a good example for climate protection, because vegetarian food is more climate-friendly than meat and fish."

Brexit – expertos se refirieron a sus implicancias

TheCattleSite News Desk 23 February 2017 - A panel of experts at the NFU Conference considered a number of the unanswered questions on the country's future position on international trade and investment post-Brexit.

The Trade and Investment session on day one, chaired by NFU Deputy President Minette Batters, considered the UK Government's position on international trade, its impact on the consumer and whether British farmers will be treated fairly in any future trade deals.

Mrs Batters was joined on stage at the ICC, Birmingham, by Ian Wright, Director General, Food and Drink Federation (FDF) and Allie Renison, Head of Europe and Trade Policy, Institute of Directors.



"The Government's White Paper states that 'different transitional arrangements of varying lengths could be necessary for different sectors of the economy and the wider negotiation, from cars and food products to free movement of people'," said Mrs Batters, speaking before the conference.

"We believe any changes to trading relationships and the agricultural policy affecting farmers should be subject to a period of transition to allow farming businesses to adapt to any new environment."

"We are extremely concerned that the White Paper commits us to leaving the EU without having carried out any impact assessment as to what the consequences of trading under WTO default rules will have on rural Britain. If we don't have a deal and we default to WTO rules, tariffs could be in place that price us out of the marketplace. There is a clear need for government to do this work. It's not something we can analyse in two years' time."

"One of the big unanswered questions is how we see our future trading relationship with Europe and subsequent trade agreements with the rest of the world. We have to do a deal with Europe and it is a deal that will shape our landscape for generations to come. The problem is that getting free trade deals in agriculture is notoriously difficult."

"Moreover we pride ourselves on our quality food production and high animal welfare standards and we want these qualities to be recognised in any future trade agreements. Food security is so important to us all – we do not want to be disadvantaged by imports that do not meet our own exacting standards."

"Food and drink is the largest manufacturing sector in the UK – worth £108 billion and providing jobs for 3.9 million people. British farming is the bedrock of this - not just feeding the nation, but in its contribution to the country's economy and in creating jobs. There are real challenges ahead and questions to be answered. But there are plenty of opportunities for our industry so we have to make the case for what we do."

Ian Wright, FDF Director General, said: "At a time of great uncertainty for the food and drink supply chain, it's vital that the FDF and NFU work closely with one another to play a leadership role for our industries."

"The record food and drink exports announced today represents £20bn value to the UK economy that speaks volumes as to the importance of this dynamic and diverse industry. Speaking with one voice on areas such as trade and our future workforce needs will secure the best outcome for manufacturers, farmers and consumers alike."

Allie Renison, Head of Europe and Trade Policy, Institute of Directors, added: "Nowhere does trade policy matter more than in agriculture. Brexit could provide huge liberalising opportunities for the food and drink sector, but it also poses a number of potential challenges in the short-term which must be dealt with first."

"While there will be some robust discussion to come about how to achieve the best outcome for UK farming through trade deals, the IoD welcomes the opportunity to work with the NFU to start that debate now in an open and constructive manner."

OMC confirmó que la barrera aplicada contra carnes porcinas por RUSIA no es legal

24/02/14 The WTO's Appellate Body confirmed that Russia's import ban from 2014 on live pigs, pork and other pig products from the EU violates international trade rules. The ruling concerns a ban imposed by Russia because of the outbreak of African Swine Fever in areas in the EU close to the border with Belarus. In August 2016, a WTO panel acknowledged that the Russian measures are not based on the relevant international standards and violate WTO rules. The ruling confirms this finding, thereby sending another strong signal to Russia and all WTO Members on their obligation to respect international standards and, in particular, the principle of regionalisation, which would allow trade from individual areas of a country which are recognised as pest or disease-free, independent of the health status in the rest of the country. The EU has one of the world's most efficient animal health and food safety systems, including high detection levels and stringent risk management rules. EU products from disease-free areas are safe, and there is no need for any country to maintain unjustified import restrictions. The EU calls on Russia to withdraw its unjustified measures and allow EU companies to resume normal business with their Russian partners. More information is available [here](#)

ESTADOS UNIDOS

Proyectan que un escaso número de hacienda se importará desde CANADA en 2017

20 February 2017 - USDA will publish next week the results of its feedlot inventory survey and we will cover both pre - report estimates and the survey results as they become available, write the Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

One of the issues that always comes into play when considering the supply of cattle going into feedlots is the number of cattle that gets imported during the period in question. So far this year we have seen a minimal number of Canadian feeder cattle coming into the US but a significant rise in the number of Mexican feeder cattle imports.



While one may be tempted to speculate and tie the trade flow to the current political situation, we suspect the reality is a bit less complicated. Fed cattle prices in the US appreciated by as much as 20 per cent between late November and the end of January, thus providing an incentive for Mexican cow - calf operators to sell into the US.

During this time the value of the Mexican peso relative to the US dollar also declined. In October of last year, one US dollar converted to 18.9 peso. By January, that same dollar converted to as much as 22 peso (current value is 20.5). In other words, if you were a Mexican producer looking to sell your calves, the shift in the exchange rate alone made the US market 15 to 20 per cent more valuable. If you had calves to sell, you tried to send them to feedlots north of the border.

During the first five weeks of 2017, imports of Mexican feeder cattle were 104,357 head, 30,723 head (+42 per cent) larger than a year ago. It will be interesting to see how the placement numbers in TX - OK will look when the USDA report comes out. Trend numbers would suggest that placements in Texas (reported individually in the COF survey) were about 9 per cent higher in January compared to a year ago. Larger imports, however, could skew this number and add another 8 percentage points to the Texas feedlot placement number.

Imports of feeder cattle from Canada were quite small during the first five weeks of 2017, not unusual for this time of year. Imports of fed steers and heifers also were lower despite the higher prices and the favorable exchange rate. The decline in slaughter cattle imports is due in large part to the smaller number of cattle on feed in Canadian feedlots.

We do not have the 1 February data yet for Canada but as of 1 January, CanFax reported that the total number of cattle on feed in Alberta and Saskatchewan feedlots was 858,129 head, 8.5 per cent lower than the previous year.

Shipment of slaughter ready cattle to the US market during the first five weeks of this year were 23,915 head, 26 per cent lower than the same period a year ago. Fed cattle slaughter in the US at this time of year is running at around 90,000 head per day. So overall imports of slaughter cattle from Canada in the first five weeks of this year represent about 1 per cent of US fed cattle slaughter. It is likely that Canadian cattle on feed numbers will be somewhat limited in the very near term given the sharp decline in cattle placements during Jul - Oct period.

According to Canadian placement data, for that period placements declined an average of 20 per cent. But similar to the US, placements rebounded in November and December, up 19 per cent and 6 per cent respectively. The smaller on feed inventories and the decline in placements also may reflect the decision by Western Feedlots to wind down operations. This is the largest Canadian feedlot operator, which according to press reports has a standing capacity of 100,000 head.

Compañía en COREA DEL SUR cambia provisión de Australia por EE.UU.

TheCattleSite News Desk 20 February 2017 - US beef has been rapidly building momentum in South Korea, and received a further boost this week as Costco officially began converting its imported chilled beef selection from Australian beef to 100 per cent US product.

The move follows a multi-year effort by USMEF to persuade store managers that sales of US beef – a popular item at Costco – would match or exceed Australian beef sales due to revived consumer confidence in the safety of US beef.

Costco currently has 13 warehouses in Korea, with two new locations scheduled to open this year. On 13 February, Costco began transitioning two of those warehouses to 100 per cent US chilled beef. The others will be converted in May.

In total, Costco's move represents an opportunity for about 15,000 metric tons (mt) of incremental new beef business in 2017, said Jihae Yang, USMEF director in Korea. Yang noted that the theme of US beef promotions in Korea has gradually moved from food safety to consumer enjoyment and product quality.

"While USMEF still reassures Korean consumers that US beef is a safe product, we are now able to focus more on the outstanding flavor of US beef," Ms Yang said. "Tasting demonstrations at Costco and other popular stores have been very successful in getting consumers to taste US beef and increase awareness of our product."

USMEF is also providing support to Costco to ensure a smooth transition to US chilled beef, helping reacquaint customers with the full range of US beef cuts.

"Korean consumers love the high quality of US beef and really enjoy the flavor of our product," added Dan Halstrom, USMEF senior vice president for marketing. "In Korea, Costco is the gold standard when it comes to imaging food products, especially beef. USMEF, along with our partners in the U.S. beef industry, have been working hard to recapture market share in Korea. We've been able to do that, but mostly on the frozen side. The marquee items at Costco are the chilled beef cuts and we finally have that chilled section of the meat case back."



US beef exports to Korea totaled 179,280 mt in 2016, up 42 per cent year-over-year. Export value reached \$1.06 billion, up 31 per cent from a year ago and breaking the previous value record (from 2014) by 25 per cent. Chilled beef exports to Korea totaled 24,572 mt in 2016, up 47 per cent year-over-year, valued at \$216.4 million (up 43 per cent).

US beef captured 42 per cent of Korea's imported beef market in 2016, up from 35 per cent the previous year, while Australia's market share fell from 57 per cent to 49 per cent. But Ms Yang notes there is still room for further growth, citing pre-BSE data from 2003.

"Prior to the December 2003 market closure, US beef accounted for the majority of imported beef sales in Korea and 49 percent of total sales – including domestic beef," she explained. "So while US beef has made excellent progress in Korea, the market still holds strong growth opportunities."

Korea's per capita beef consumption set a new record in 2016 at more than 25 pounds (product weight), up about 5 per cent year-over-year and increasing by one-third since 2009 – so US beef is not only gaining market share, but also contributing to growth in overall consumption. Korea's demand for imported beef remains strong, and based on customs clearance data US beef topped Australian beef in Korea's January imports, continuing a trend that began late last year.

"Regaining Costco's chilled beef business is a milestone on several fronts," says Joel Haggard, USMEF senior vice president for the Asia Pacific region. "Not only will US sales soar at this iconic beef retailer, but Costco's beef merchandising decisions are a bellwether for overall Korean consumer sentiment toward US beef."

Científicos hablan sobre una nueva frontera en el estudio de la calidad de las carnes bovinas

TheCattleSite News Desk 22 February 2017 - When it comes to beef, certain traits, like tenderness, are easier to quantify than others.

"Beef flavor is very complex. It's not one attribute, but many, many flavor notes," said Bridget Wasser, executive director of meat science for the National Cattlemen's Beef Association (NCBA). "There are a lot of things that can go right and there are a lot of things that can potentially go wrong."

Each consumer views it differently.

"We have to make sure we find a way to give it to everyone, all the time, and so consistency of the product comes into play," Ms Wasser said, during her Cattlemen's College presentation earlier this month.

She told 2017 Cattle Industry Convention and NCBA Trade Show attendees the beef community has made marked improvements in tenderness over the past few decades, "so the good news is that it allows us to focus on some of these other eating attributes."

Phil Bass, meat scientist for the Certified Angus Beef® (CAB®) brand, was in the audience and agreed. Projects are starting to encompass some of these harder-to-measure traits.

"We've researched tenderness quite extensively and beef flavor is the next frontier, the next area that we really need to focus on," he said later.

Lipids, carbohydrates and proteins that make up beef have the greatest influence on flavor. Lipids, or fats, are species-specific, differing in both amount and fatty acid composition. That's why beef doesn't taste like pork or poultry.

"We've always known that fat contains the specific flavor compounds; more of it will express more of those flavors," Dr Bass said. "The grain-finished, beef-fat flavor is highly desirable to the palate."

Recent work validates the USDA quality grading system's ability to predict eating satisfaction, along with the CAB brand's 10 carcass specifications, Dr Bass said.

"Marbling is something we hang our hat on as a beef industry," Ms Wasser said, because it gives the protein its "buttery, beef-fat" notes. "That's a very positive flavor. It's something consumers respond very positively to and that's why it has a lot of credence in our quality grading system and the valuation of our beef carcasses."

A Beef Checkoff project recently added more precision to sensory science, by developing a beef lexicon, or a dictionary of sorts for 38 attributes.

"How can you pick them out if you don't know what an individual flavor note is?" Ms Wasser asked.

Researchers train panels using this common terminology, and use participants as instruments in both discrimination and descriptive research.

Scientists get better results by either increasing the numbers in a sample size or limiting the variance, Dr Bass said.

"When you have a trained sensory panel, you don't need as many," he said. "The better you can control the variation, panelist to panelist, the better you'll be able to find the differences."

Oftentimes, training for beef-fat flavor involves sampling a Prime strip steak versus a standard or very low Select option.

"It's very important to have these folks calibrated," Dr Bass said.

Trained panels will detect flavors and note intensity, but larger consumer panels will determine its acceptability level.



"It's not until you put it into the mouth of the consumer that you see, is this economically viable? Is this applicable to the end-user?" Dr Bass said. "Time and time again, consumer research looking at beef marbling shows more marbling is better. It gives better flavor. It contributes to tenderness. It maintains juiciness."

That's why it's getting the attention of the entire beef community.

"Consumers of your product have very high expectations," Ms Wasser told the cattlemen. "That gives us a common goal to work towards."

AUSTRALIA

CHINA arribó el primer cargamento de Ganado en pie

TheCattleSite News Desk 21 February 2017 - A total of 1,195 head of live beef cattle arrived in east China's Shandong Province Monday, the first batch of imported sea-borne beef cattle to the country.

The cattle were imported from Australia to the port of Shidao in Weihai city. They will be quarantined before being slaughtered within 14 days, according to the Shandong Entry-Exit Inspection and Quarantine Bureau.

China has imported live cattle for breeding purpose as well as dairy cows, but the meat from foreign countries was mostly frozen.

China and Australia signed a deal in 2014 that involved shipping 1 million head of Australian cattle to China each year, which is expected to bring a business boom to Australia's farming sector while meeting China's demand for high-quality beef.

The first batch of 150 head of cattle were sent to southwest China's Chongqing by air in October, 2015. Sea cargo transportation is much cheaper.

INDONESIA - exige un mayor peso en los bovinos a importar desde Australia

Source: ABC Rural 23 February 2017 AUSTRALIA - The Indonesian Government has signed off on changes to the maximum average weight of feeder cattle imported from Australia.

The weight limit has been increased from 350 kilograms to 450 kilograms, in a move that will be of huge benefit to northern Australia's cattle industry.

Chief executive of Consolidated Pastoral Company, Troy Setter, said it would definitely allow pastoralists to send a wider selection of stock to Indonesia.

"It'll allow stations in Australia to put more weight on their cattle and reduce a lot of double-handling, which has been adding cost to northern Australia's cattle sector," he told ABC Rural.

Chief executive of the NT Livestock Exporters Association, Stuart Kemp, said the change on weight restrictions was good news for everyone in the supply chain.

"Having the specifications so tight before (a weight limit of 350 kilograms), meant Indonesia were after young, premium animals," he said.

"If you look through the sale results across Australia, feeder cattle in that range are always the premium product, so if you missed that cut off, you then had to find another market and there was a big drop-off.

VARIOS

Grupo chino inicia compra de carne en la Argentina

Westwell, controlada por Xiamen Sumpo Group, adquirió 3,2 toneladas de carne y apunta al negocio en hoteles, restaurantes y supermercados en el mercado chino, según del diario La Nación.

Según datos del Senasa, el año pasado China adquirió 54.067 toneladas en Argentina, un 30% más que en 2015, y fue el principal destino para las exportaciones de este rubro.

La semana pasada partió un vuelo con 3,2 toneladas de carne rumbo a Shanghai, China, para la empresa Westwell. La carne embarcada corresponde a novillos de raza británica, con más de 100 días de terminación a grano.

Hasta el momento la empresa abastecía el negocio de carne desde Australia, ahora incorporó a la Argentina a su lista de proveedores.

"El envío que realizamos tiene como objetivo testear el producto en el mercado que Westwell abastece, restaurantes, hoteles, supermercados. En 15 días tendremos el veredicto. De ser positivo las perspectivas de compra son de 40 contenedores al año y más. Westwell dice que no hay suficiente producción para abastecer la demanda creciente de carne de calidad", dijo a La Nación Facundo Mendizabal, presidente de Parallel.

China consume unos 77 millones de toneladas de carnes. La carne porcina representa un 72% del consumo, la carne aviar asciende al 18% y la vacuna 10%.



MÉXICO estima que podría llegar a exportar hacia RUSIA entre 200 y 400 mil toneladas de carnes

23/02/17 - por Equipe BeefPoint - O México poderá exportar de 200.000 a 400.000 toneladas de carne para a Rússia, já que as restrições comerciais, iniciadas em 2012, estão prestes a ser removidas, de acordo com Enrique Sánchez Cruz, diretor do regulador veterinário mexicano, Serviço Nacional de Sanidade, Inocuidade e Qualidade Agroalimentar (Senasica). Em 2016, a Rússia importou 625.000 toneladas de carne, incluindo 400.000 toneladas de carne vermelha.

Cruz revelou que a Rússia e o México haviam chegado a um acordo preliminar sobre um acordo bilateral, envolvendo o México comprando grãos da Rússia e fornecendo carne em troca. No entanto, este não é um negócio de troca, à medida que todas as ofertas serão pagas em dinheiro, mas a nível do governo, os produtos importados em ambos os lados poderiam obter descontos.

No ano passado, o ministro mexicano da Agricultura, José Calzada Rovirosa, havia falado sobre o possível renascimento das exportações comerciais para a Rússia, dizendo que planejava uma visita a Moscou em abril de 2016 para discutir essa questão com o ministro russo da Agricultura, Alexander Tkachev. Segundo os termos do acordo, o México inicialmente estaria interessado nas exportações de carne bovina e suína, disse ele.

Falando numa conferência de imprensa no final de janeiro de 2017, Tkachev disse que o comércio de produtos agrícolas entre a Rússia e México estava crescendo, já que cresceu 50% em 2016 em comparação com 2015, para US\$ 148,5 milhões. Ele expressou confiança de que os dois países poderiam se beneficiar do desenvolvimento do comércio, dizendo que o trigo da Rússia poderia ser fornecido em certa quantidade ao México.

Americo Alyatorre, secretário executivo da Câmara de Comércio Rússia-México, havia previsto anteriormente que as entregas de carne mexicana para a Rússia iriam reiniciar em 2016, explicando que, no ano anterior, "muito trabalho foi feito sobre isso". Em particular, a partir de 2015, o México ajustou seus sistemas de controle veterinário, com base em um pedido do órgão veterinário russo, Rosselkhoznadzor.

NUEVA ZELANDIA Faena retrocedió en el último trimestre de 2016

21 February 2017 Three months into the new season (October to December 2016; latest available data), adult cattle slaughter in New Zealand (NZ) was down 13% on the previous year, with just shy of 487,500 head processed (Statistics NZ).

Somewhat offset by a rise in average carcass weights, NZ beef production declined to a slightly lesser extent than slaughter – down 10% on what was recorded the year prior, at just over 135,200 tonnes cwt.

With drier than average weather conditions in northern areas of the country, beef production in the North Island declined 11% on what was recorded the same time last year, at 99,829 tonnes cwt, while volume in the South island was 7% lower, at 35,373 tonnes cwt.

Looking forward, Beef + Lamb NZ forecast total NZ cattle slaughter for the 2016-17 season to ease 1.5% year-on-year, to 2.45 million head. This represents the second consecutive year of lower kill levels, albeit off a high base, following the dairy herd liquidation in 2014-15. Total NZ beef production for the 2016-17 season, however, is expected to lift marginally (1%) year-on-year – to 609,000 tonnes cwt – as the cow herd continues to rebuild.

So far in February, AgriHQ report that a firmer US imported beef market, underpinned by short supplies, has continued to push imported NZ 95CL bull meat prices higher, particularly – although reports suggests the market may have steadied this week (20th February).

Over the coming weeks, driven by strong US end-user demand and low imported supply, AgriHQ suggest a positive short term outlook in the US market – with domestic availability expected to be tight through to April.

INDONESIA apeló resolución de la OMC a favor de NUEVA ZELANDIA y EE.UU.

TheCattleSite News Desk 21 February 2017 - Trade Minister Todd McClay says he is extremely confident New Zealand has a strong case following Indonesia's decision to appeal a World Trade Organisation (WTO) ruling in favour of New Zealand beef and horticulture exports and says he expects Indonesia to meet their WTO obligations following the appeal.

New Zealand and the United States brought a case against Indonesia disputing 18 agricultural non-tariff barriers. The WTO ruled in favour of NZ and the US on all 18 disputed point in December last year.

"It is very common for WTO rulings of this nature to be appealed and we had expected this action," Mr McClay says.

"New Zealand is a trading nation, trade liberalisation and fair access are essential for the continued growth and stability of our economy."

"The Government remains committed to opposing any unfair impediments to trade and will continue to fight for the rights of our exporters to fairly access markets in all parts of the world."



The Indonesian trade barriers are estimated to have cost the New Zealand beef sector up to a billion dollars of lost trade. As recently as 2010, Indonesia was New Zealand's second-largest beef export market by volume, worth \$180 million a year. Certain horticulture exports have also been held back by the restrictions.

The barriers imposed by Indonesia include import prohibitions, use and sale restrictions, restrictive licence terms and a domestic purchase requirement.

"We enjoy close cooperation in a range of areas of mutual interest with Indonesia, but even close friends have occasional disagreements. The WTO helps insulate trade policy differences from wider bilateral relations," Mr McClay says.

EMPRESARIAS

Maple Leaf Foods invirtió en proteínas vegetales

24/02/17 - por Equipe BeefPoint A processadora canadense de carnes, Maple Leaf Foods. anunciou que assinou um acordo definitivo com a Brynwood Partners VI LP para adquirir a Lightlife Foods, uma das principais fabricantes e marcas de alimentos refrigerados à base de plantas nos Estados Unidos, por US\$ 140 milhões e custos relacionados.

A medida veio apenas alguns meses depois que a Tyson Foods assumiu uma participação de 5% na produtora de proteínas Beyond Meat em outubro e lançou em dezembro um fundo de capital de risco focado em investir em proteínas alternativas.

A Maple Leaf vai financiar a transação com dinheiro na mão. O negócio fechará em março, sujeito à revisão regulamentar nos EUA.

"A expansão para o mercado de crescimento rápido de proteínas vegetais é uma das plataformas estratégicas de crescimento da Maple Leaf e apoia nosso compromisso de nos tornarmos líder em sustentabilidade", disse Michael McCain, presidente e CEO da companhia. "Os consumidores estão cada vez mais à procura de diversificar o seu consumo de proteínas, incluindo opções baseadas em plantas. A aquisição da Lightlife oferece à Maple Leaf uma posição de liderança no mercado e uma marca nos Estados Unidos, numa categoria que está superando o crescimento no setor de alimentos embalados. Vamos expandir nossa presença através do investimento em construção de marca, inovação e alavancar nossas respectivas capacidades".

A Lightlife informou vendas em 2016 de aproximadamente US\$ 40 milhões e tem 38% de participação de mercado no mercado de proteínas vegetais refrigeradas dos EUA. A empresa emprega aproximadamente 100 pessoas em Turners Falls, Massachusetts, onde fabrica mais de 30 produtos, incluindo tempeh, cachorros-quentes, alimentos de café da manhã e hambúrgueres vegetais.

A administração da Lightlife continuará a liderar o negócio, que irá operar como uma subsidiária da Maple Leaf.

O mercado norte-americano de proteínas vegetais é estimado em US\$ 600 milhões, com a categoria refrigerada representando mais de US\$ 110 milhões e apresentando crescimento anual de dois dígitos, de acordo com a empresa.

Minerva vio afectada su rentabilidad por la apreciación del Real

22/02/17 - por Equipe BeefPoint A valorização do real sobre o dólar afetou a rentabilidade da Minerva Foods no quarto trimestre de 2016, quando a empresa teve um lucro líquido de R\$ 12,3 milhões, 81,5% menos que em igual intervalo do ano anterior. No acumulado de 2016, no entanto, o resultado melhorou e a Minerva lucrou R\$ 195 milhões, ante o prejuízo de R\$ 800 milhões de 2015.

No quarto trimestre, a receita bruta no mercado doméstico cresceu 29,5% em relação ao mesmo período de 2015, para R\$ 1,2 bilhão. A receita bruta no mercado externo diminuiu 21,7%, para R\$ 1,5 bilhão.

Mesmo com o aumento das vendas no Brasil – a Minerva ampliou a base de clientes de 30 mil para 50 mil no período -, a receita líquida da companhia recuou 7,2% no quarto trimestre, para R\$ 2,6 bilhões. Mas a receita aumentou 1,3% em 2016 como um todo, para R\$ 9,48 bilhões. Em entrevista a jornalistas, o diretor financeiro da Minerva, Edison Ticle, destacou que o crescimento das vendas no ano acontece no momento em que outras empresas amargam redução devido à recessão no país.

No quarto trimestre, porém, o impacto do câmbio foi sentido. No período, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda) caiu 25,8%, para R\$ 249,9 milhões. Segundo Ticle, o Ebitda do último trimestre de 2015 foi formado com um dólar a R\$ 3,90, enquanto no quarto trimestre de 2016 o dólar ficou cotado, em média, a R\$ 3,26. Nesse cenário, a margem Ebitda caiu 2,5 pontos percentuais na comparação, recuando de 12,2% para 9,8%.

Apesar disso, Ticle disse que, mesmo com a apreciação do real no quarto trimestre, a Minerva conseguiu manter o patamar de margem ante o terceiro trimestre. De acordo com o executivo, isso foi possível porque a companhia "esticou o hedge de câmbio nas exportações".



Questionado sobre os possíveis impactos da continuidade da valorização do real em 2017, o executivo argumentou que a tendência para a oferta de boi gordo no Brasil e para os preços internacionais da carne bovina são favoráveis, o que pode ajudar a compensar o impacto do câmbio. No acumulado do ano passado, a margem Ebitda da empresa foi de 10,3%, ante 10,7% em 2015.

Na área financeira, a Minerva reportou um índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda) de 3,4 vezes no fim de dezembro, ante 3,1 vezes em setembro. O aumento reflete o Ebitda menor do quarto trimestre. No fim de dezembro, a dívida líquida totalizava R\$ 3,4 bilhões. A empresa também sinalizou, finalmente, que o cancelamento da aquisição do frigorífico capixaba Frisa recolocou a Argentina e a Colômbia no topo das prioridades de investimentos.

Minerva atenta ante una posible expansión Están mirando a Sudamérica.

24/02/2017 - El grupo Minerva Foods sigue atento a las oportunidades de expansión de sus negocios en América del Sur, además de en los países donde ya posee unidades productivas, confirmaron ejecutivos de la empresa en Brasil al comentar los resultados económicos con los analistas.

“Parte de nuestra estrategia es la diversificación geográfica, no solo por medio de adquisiciones sino también por arrendamientos”, dijo el presidente de Minerva Foods, Fernando Galletti de Queiroz a los analistas.

En enero, la empresa canceló la compra del frigorífico Frisa alegando que los vendedores no cumplirían con todas las acciones precedentes para que el acuerdo pudiese ser cerrado.

Galletti de Queiroz dijo que el grupo está atento a las oportunidades en Colombia y Argentina, que no necesariamente implican la compra de activos.

El ejecutivo reafirmó que Minerva tiene una estrategia de estar focalizada en América del Sur en el segmento de bovinos; el grupo tiene unidades productivas en Brasil, Uruguay y Paraguay.

A su vez, el presidente de Minerva Foods dice que la carne bovina producida en América del Sur es competitiva en los mercados globales de commodities debido a los bajos costos de producción. Para 2017, el grupo espera la recuperación en el ciclo de bovinos colaborando para mejorar el precio de la carne. Incluso en Brasil, en 2016, logró subir las ventas.

Frigol participa de la feria Gulfood

22/02/17 - por Equipe BeefPoint Após uma bem sucedida passagem pela Rússia, a Frigol parte para Dubai em busca de novos parceiros. Será a sexta vez que a empresa participa da Gulfood, principal feira de gastronomia e serviços do Oriente Médio, que atualmente ocupa a terceira posição entre os seus maiores mercados. O evento será realizado entre 26 de fevereiro e 2 de março, com expectativa de 95 mil visitantes.

No final de 2016, a Frigol abriu o seu primeiro escritório internacional, nos Emirados Árabes Unidos, considerado uma região que pouco produz carne bovina. “A responsabilidade principal dessa unidade é atender o Oriente Médio. Por questões de logística, escolhemos Dubai, mas exportamos também para a Arábia Saudita, o Catar, o Egito e o Líbano. Nossa meta é aumentar em 60% as vendas para esses países,” explica Dorival Jr., gerente comercial da Frigol.